

JOSEF E. KASPER



Ilha da Boa Vista Cabo Verde

ICL

INSTITUTO
CABOVERDIANO
DO LIVRO

estudos e ensaios

19-3
1-1

JOSEF E. KASPER

ILHA DA BOA VISTA
CABO VERDE

Aspectos históricos, sociais, ecológicos
e económicos.

Tentativa de análise.

Tradução de
Luís Filipe da Silva Madeira



INSTITUTO CABOVERDIANO DO LIVRO
ESTUDOS E ENSAIOS

As salinas da Boa Vista são, na sua maioria, propriedade privada. Os únicos proprietários dividem entre si a área das salinas. Com uma pequena área, a qual pertence à fábrica ULTRA, tem também o Estado Caboverdeano uma participação na salina de Sal Rei. Os mais importantes proprietários das salinas de Sal Rei foram antes o Senhor António Miguel de Carvalho e o Senhor Aurélio Augusto Spencer. Face à concorrência da Ilha do Sal e Maio⁶¹, não está em questão para o futuro da Boa Vista uma grandiosa reactivação das salinas.

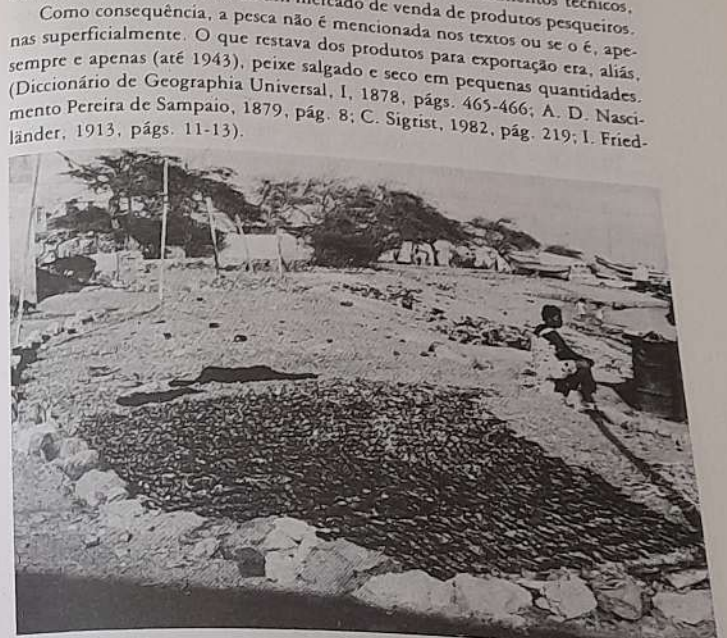
5.1.3. Pesca: Desenvolvimento e Produção

A pesca industrial nas águas do Arquipélago de Cabo Verde deve ter tido o seu início no fim do século XVII, princípios do século XVIII, com a pesca da baleia por parte dos baleeiros americanos. Em 14 de Março de 1732, a pesca da baleia pelas firmas americanas foi regulamentada por uma lei específica na Boa Vista e em São Nicolau. A gente da Boa Vista alistava-se então para trabalhar nestes barcos americanos; eram hábeis pescadores de baleias e muito estimados. (Ver capítulo 3.3.). (A. Carreira, 1972, págs. 123-203; A. Carreira, 1984, pág. 137).

Durante o tempo da administração do Governador D. António Coutinho de Lencastre (provavelmente em fins do século XVIII), e pelo frequente aparcimento de baleias e de várias espécies de peixe (bicudas, pargos, garoupas e meros) foi criada uma (certamente a primeira) Sociedade de Pesca, a qual tinha na Ilha da Boa Vista os seus grandes armazéns com o nome de BEIRA (este posto fica hoje por baixo do edifício dos correios de Sal Rei, em direcção ao sul). Ainda no ano de 1844 estes armazéns deveriam encontrar-se em bom estado (J. J. Lopes de Lima, 1844, pág. 51; F. T. Valdez, 1864, pág. 171).

A pesca na Boa Vista começou a organizar-se particularmente tarde, no princípio do século XIX. Embora, na verdade, a pesca fosse uma actividade quotidiana da população e as reservas existentes à volta da Ilha fossem as mais ricas de todo o Arquipélago, até aos nossos dias, a pesca nunca se desenvolveu por meio de pequenas empresas. No dia 17 de Maio de 1818 a pesca foi pela primeira vez organizada na Boa Vista. Constituiu-se uma empresa de pesca, a qual era financiada pela família Martins. No ano de 1823 em Sal Rei havia apenas um único barco de pesca. (C. J. de Senna Barcellos, III, sem ano, pág. 236; Bowdich, 1976, pág. 101). Isto constituiu um avanço em relação à formação de pescadores, a qual lançou um fundamento importante para o posterior desenvolvimento da pesca. Esta actividade foi fomentada pelo Governador Paula Bastos por meio de uma lei de 18 de Janeiro de 1843 (S. Lima da Cruz, 1984 (?), pág. 2) Apesar da boa vontade, todas as empresas pesqueiras

organizadas estavam na sua maioria condenadas ao fracasso ou a produzirem apenas em quantidades muito reduzidas. Em 1844, escreveu Lopes de Lima que, no que respeita a empresas pesqueiras na Boa Vista, se fez muito pouco se levarmos em conta aquilo que se poderia ter feito. «Acode uma tão prodigiosa quantidade de peixe... que a sua pesca poderia empregar bem muitos centenas de braços...» acerca dessa companhia pesqueira ele escreveu ainda: «... mas essa Companhia morreu da mesma morte, de que morrem em nossa terra todas as Sociedades de Pescarias». (J. J. Lopes de Lima, 1844, págs. 50-51). Lamentavelmente, não foram por ele inumeradas as razões pelas quais velmente tudo isto assenta na falta de capital e de conhecimentos técnicos. Como consequência, a pesca não é mencionada nos textos ou se o é, apenas superficialmente. O que restava dos produtos para exportação era, aliás, sempre e apenas (até 1943), peixe salgado e seco em pequenas quantidades. (Dicionário de Geographia Universal, I, 1878, págs. 465-466; A. D. Nascimento Pereira de Sampaio, 1879, pág. 8; C. Sigrist, 1982, pág. 219; I. Friedländer, 1913, págs. 11-13).



Gravura 27: No porto de Sal Rei o peixe é preparado com sal e finalmente para secar ele é deixado ao sol. Peixe salgado e seco foi até cerca de 1943 o único produto pesqueiro que era exportado pela Boa Vista (boas possibilidades de armazenagem). Fotografia: Setembro de 1984, vista em direcção leste.

Também para o primeiro quartel do século XX, pode-se concluir, segundo as estatísticas e a literatura consultada, que não existiu na Boa Vista qualquer companhia pesqueira organizada. Fala-se ainda de uma produção meramente paupérrima de peixe fresco e salgado.

No ano 1934, foi fundada pelo português João Monteiro da Fonseca uma fábrica de peixe seco em Sal Rei, com o nome de «Industrial de Pesca L.I.D.» (ver gravura 23). Esta empresa mantinha pescarias (filiais) em vários locais da Boa Vista tais como: Derrubado, Baía das Gatas (ver gravura 28), Ervatão, Curral Velho e no Porto do Curralinho, onde se trabalhava conforme a estação do ano e a quantidade de peixe. A fábrica não possuía barcos, mas comprava a pesca a pescadores particulares ou à família Ben 'Oliel e transformava-a em peixe seco. Cada pescaria tinha as suas próprias instalações para salgar e secar o peixe. Em Sal Rei ficava a sede da «Industrial de Pesca L.I.D.» onde se produzia também peixe seco, mas donde se organizava sobretudo as diferentes actividades. O gerente da fábrica na vila era o Senhor Almeida Henriques; o responsável das várias pescarias à volta da Ilha era o Senhor Fernando Paula Silva. A exportação de peixe seco ia especialmente para o Congo-Belga (Zaire). Produzia-se assim e exportava-se nesse tempo até 1942⁶² as seguintes quantidades de peixe seco:

	1936	1937	1938	1939	1940	1941	1942
	76 245 kg	106 420 kg	75 864 kg	60 853 kg	28 900 kg	32 736 kg	59 674 kg

Fonte: Anuário estatístico, 1936/39, 1941

Em 1943 a fábrica parou de trabalhar por falta de meios de transporte para realizar a exportação, o que provavelmente pode ser atribuído às dificuldades relacionadas com a Segunda Guerra Mundial.

Com a decadência da produção de peixe seco pela empresa «Industrial de Pesca L.I.D.» foi fundada em 1943 na mesma casa de António Miguel de Carvalho em Sal Rei uma fábrica de conservas com o nome de «J. A. Nascimento e Filhos». Nesta foram instaladas máquinas e aí se produzia unicamente conservas de peixe (atum em azeite). O dono da fábrica, Sr. João A. Nascimento residia em Portugal, mas entregou a gestão desta ao seu filho, Mário Nascimento, tendo como co-gerente Fernando Paula Silva.

Inicialmente a empresa não possuía barcos próprios, mas comprava o peixe à casa Ben 'Oliel ou aos pescadores particulares.

Entre três e quatro anos mais tarde (1946/47) «J. A. Nascimento e Filhos» adquiriu um terreno em Sal Rei, que era antigamente um grande armazém de sal e mandou construir uma nova fábrica neste local (ver mapa 14: no mesmo



Gravura 28: Uma das pescarias da produção de peixe seco da «Industrial de Pesca L.I.D.» na Baía das Gatas, que fechou em 1943. Francisco Régo tentou reactivar esta pescaria na segunda metade dos anos 50, mas falhou pouco mais tarde. Hoje as ruínas servem de ponto de partida para a pesca por parte dos pescadores particulares. Fotografia: Março de 1986, vista em direcção norte.



Gravura 29: O porto de Sal Rei na imagem. O primeiro edifício à esquerda é a «Empresa de Conservas ULTRA». Antes da independência pescava-se com 4 traîneiras, as quais se encontram hoje avariadas na praia. Fotografia: Março de 1986, vista em direcção norte.



Gravura 30: Entrada da «Empresa de Conservas ULTRA» em Sal Rei. Hoje, a fábrica pertence ao Estado Caboverdeano e emprega de modo contínuo 36 pessoas. Fotografia: Março de 1986.

local onde está hoje a ECUL) onde foram colocadas as máquinas da antiga casa. Ao mesmo tempo comprou-se uma traineira para reforçar a pesca de atum. As conservas da empresa foram exportadas para os Estados Unidos da América (Casa «Frazier»). Apesar das inovações de J. A. Nascimento e Filhos», a exportação de conservas de peixe diminuía gradualmente desde o ano de 1947 (ver tabela 17) e em 1951 a fábrica foi vendida a uma empresa portuguesa «Coelho, Castro & Alves» e o seu nome passou a ser (ainda hoje o é) «Empresa de

Conservas ULTRA» (ECUL). Esta fábrica ULTRA foi dirigida pelo Sr. Júlio César de Oliveira Martins que era o filho dum dos sócios «Coelho, Castro & José Patrício Correia.

TABELA 17: EXPORTAÇÃO DE CONSERVAS DE PEIXE, PEIXE SECO E FARINHA DE PEIXE DA BOA VISTA DE 1943/44 — 1952 E 1957

Ano	Conservas de Peixe/kg	Peixe Seco/kg	Farinha de Peixe/kg
1943	—	—	—
1944	27 279	97 797	—
1945	36 524	88 842	—
1946	45 110	38 863	—
1947	32 842	39 833	—
1948	31 206	27 505	—
1949	30 100	20 720	—
1950	25 782	20 250	—
1951	17 810	36 522	—
1952	16 000	23 020	—
1957	192 690	15 000	—
			65 605

Fonte: Anuário Estatístico, 1944, 46/52
M. L. Ressano Garcia, 1958, págs. 257-265

Depois duma fase de transição e de reestruturação da fábrica por parte dos novos proprietários — foi construída, além da fábrica de conservas, uma fábrica para a produção de farinha de peixe (ver mapa 14) — a empresa começou pela primeira vez a produzir em grandes quantidades (ver tabela 17: ano 1952 e 1957). Equipada com quatro traineiras (ver gravura 29) e com a ajuda dos pequenos barcos à vela dos pescadores particulares, a pesca por vezes era tanta, que a fábrica não a conseguia comportar. Em 1957 a empresa ocupava o seguinte pessoal: 1 director, 2 empregados de escritório, 3 capatazes, 50 pescadores, 60 operários e operárias, 10 ajudantes, 20 outros empregados e 20 ajudantes com idade inferior a 18 anos (M. L. Ressano Garcia, 1958, págs. 257-265). Até à independência eram exportadas, sobretudo para Itália, conservas de 5 kg e para Portugal latas de 2 kg, as quais eram também exportadas para os Estados Unidos. A farinha de peixe, obtida a partir das espinhas e dos desperdícios do peixe já trabalhado, era exportada sobretudo para a Praia, onde era empregue como adubo ou como reforço para a alimentação do gado. Da Praia a farinha de peixe também era exportada para Portugal (ver tabela 17). À volta do ano de 1955 chegou à Ilha um português, Senhor Francisco Régo, que recebeu dinheiro de um Senhor Manuel da Costa Rosinha para reac-

tivar a produção de peixe seco na Baía das Gatas (ver gravura 28) com a intenção de o exportar para o Congo-Belga (Zaire), enfim, voltar a fazer a mesma coisa como no tempo de «Industrial da Pesca L.I.D.». Sozinho, com pouco dinheiro e sem experiência da pesca, o Sr. Régo falhou e nunca chegou a exportar peixe seco⁶⁴.

Com a independência o Estado Caboverdeano tomou a administração da «Empresa de Conservas ULTRA»; a direcção passou assim para os três dirigentes: Nilo Lima, Abel Alfredo Livramento e Antão Varela. Até Maio de 1983 os sócios «Coelho, Castro & Alves» foram os proprietários oficiais da fábrica; depois dessa data a empresa passou na totalidade para o Estado.

Comparando-se os índices de produção de peixe conseguidos pela frota pesqueira da fábrica (ver tabela 18) desde 1970 até hoje, logo sobressai que antes da independência se pescava substancialmente mais (excepção 1982).

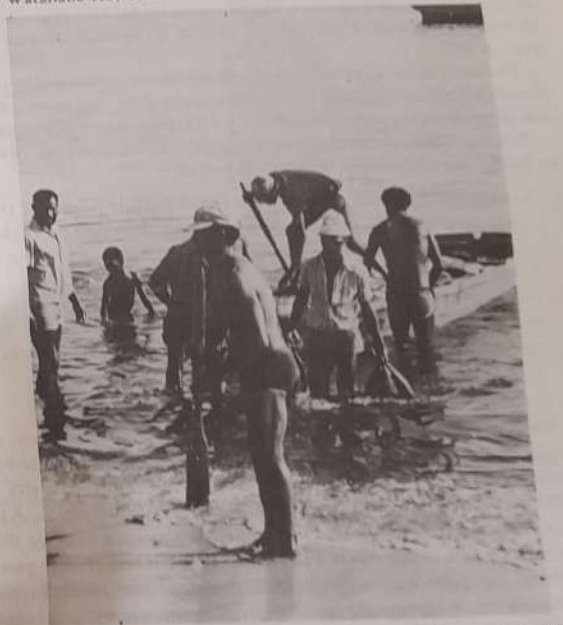
TABELA 18: QUANTIDADES ANUAIS DE PESCADO PELA EMPRESA DE CONSERVAS ULTRA, SAL REI (1970/82)

Ano	Atum em kg	Gatado em kg	Ilhéu em kg	Merma em kg	Total
1970	200 874	233 410	—	—	454 284
1971	271 345	180 859	—	—	452 204
1972	153 073	66 021	—	—	219 094
1973	262 089	133 711	—	—	397 800
1974	213 474	70 855	—	—	284 329
1975	174 196	36 526	—	—	230 722
1976	50 922	115 040	—	—	165 962
1977	38 146	119 341	—	—	177 487
1978	45 909	140 362	—	—	186 271
1979	37 708	133 320	—	—	173 028
1980	76 088	102 732	—	—	178 820
1981	39 851	153 407	31	—	193 820
1982	120 365,3	200 139	225	135	321 064,3

Fonte: Empresa de Conservas ULTRA, Sr. Nilo Lima

Como argumentos são apresentados, a decrescente frequência de peixe, a redução do número de barcos a motor e a insuficiência de pescadores. Hoje a fábrica de peixe trabalha apenas com um único barco a motor. Os trabalhadores efectivos da empresa são 36, na sua maioria mulheres. No apogeu da época do atum, a fábrica chega a ocupar cerca de 100 pessoas. Durante o período de pesca, que vai de Julho a Novembro existem além destes, mais 15 pescadores efectivos (ver gravura 31).

O sal, que é utilizado na fábrica para a cozedura do peixe, ainda é hoje explorado pela própria fábrica na salina de Sal Rei. A venda de latas de 2 e 5 kg torna-se um problema, dado que são pesos demasiado grandes. Enquanto que depois da independência se renunciou ao fabrico de novas latas de 5 kg e apenas se passaram a produzir latas de 2 kg, hoje regista-se a necessidade de produzir latas ainda mais pequenas. Lamentavelmente, as máquinas instaladas na empresa têm ainda as dimensões antigas e uma reestruturação destas máquinas custaria muito dinheiro⁶⁵. Existem dois livros que se ocupam da pesca, aliás da Fábrica de Conservas de Peixe de Sal Rei: P. M. Lamendour, 1980 e Watanabe Ko, 1981.



Gravura 31: Regresso dos pescadores da «Empresa de Conservas ULTRA» com o pescado do dia. Num bom dia de pesca os pescadores descarregam no porto de Sal Rei 7-9 toneladas de peixe. No entanto, hoje a pesca realiza-se apenas com um barco a motor. O pescado é trazido para terra num pequeno barco a remos e da praia para a fábrica é transportado por camioneta. Fotografia: Setembro de 1984, vista em direcção sul.

A pesca nas águas da Boa Vista, sobretudo no nordeste, leste e sudoeste da Ilha, poderia ser no futuro muito mais intensa. Também a taxa de saída dos produtos de exportação da Boa Vista, desde a independência (ver tabela 26 no capítulo 6) é constituída na sua maior parte por produtos pesqueiros. Em vez dos caboverdeanos, pescam de forma ilegal, outras embarcações, nomeadamente russas, espanholas, francesas e portuguesas. A pequena frota caboverdeana tem possibilidades reduzidíssimas de fazer algo contra este abuso.

Paralelamente à necessidade de reconstrução da «Empresa de Conservas ULTRA», a pesca artesanal precisa também de ser desenvolvida. Presentemente há na Boa Vista cerca de 25 barcos de pesca tradicional com cerca de 85 pescadores profissionais, os quais vivem na sua maioria em Sal Rei e Povoação Velha. Uma parte do pescado é directamente vendido à população ou então é salgado ou seco.

Durante a época da pesca do atum, os pescadores podem vender o atum pescado à Empresa das Conservas. Duma maneira geral, não existe um mercado de venda regular para a pesca tradicional (G. Ducommun, 1983, pág. 37).

Para uma subida da produção no que respeita à pesca artesanal, deveriam ser levados em consideração os seguintes pontos:

- Recstruturação dos barcos de pesca. São demasiado pequenos. Deverá encontrar-se o tipo ideal de barco e deve ser dada uma formação aos carpinteiros navais a fim de tornar possível a continuação deste novo tipo de embarcações.
- Equipamento dos barcos com motor.
- Modernização das técnicas de pesca.
- Organização do fabrico, da armazenagem e das vendas do pescado. (G. Dulphy, 1969, págs. 48-53).

Neste contexto deve ser também mencionada a pesca de marisco, nomeadamente de lagostas, sapateiras, choccos e mexilhões, que na Boa Vista existem em grandes quantidades. Há presentemente em Sal Rei cerca de 15-20 mergulhadores que se dedicam exclusivamente à pesca da lagosta. A par com a venda imediata do pescado em Sal Rei ou em outros locais da Ilha, onde o ganho para os pescadores é diminuto, ele é também vendido para a Ilha do Sal (aeroporto internacional, hotéis), Santiago (Praia) e São Vicente. Ocasionalmente, as lagostas são também enviadas directamente para Lisboa, via TAP.

Uma possibilidade de enriquecer as águas da Boa Vista seria a instalação de viveiros de peixe e de moluscos. Esta técnica, que foi sobretudo desenvolvida pelos franceses e que ali se explora grandemente — a França espera em

1990 triplicar a sua produção de peixe através da criação destes viveiros —, poderia ser explorada, no caso da Boa Vista, sobretudo nos canais e estreitos pouco profundos, entre o Ilhéu de Sal Rei e a Ilha.



Gravura 32: O pescador de lagostas José Geraldo Évora, de Sal Rei. Aqui exibindo o produto da sua pesca, na Ponta do Sol. As lagostas são baratas na Boa Vista. Os mergulhadores ganham melhor quando vendem o que pescam na Ilha do Sal (aeroporto, hotéis e exportação para Lisboa, via TAP e TACV). Fotografia: Outubro de 1984, vista em direcção norte.

5.1.4. Produtos Provenientes da Cultura de Plantas

5.1.4.1. A Urzela

Já no ano de 1469 na Ilha de Santiago, foi descoberto por dois irmãos espanhóis originários das Canárias, Juan e Pero de Lugo, um líquene, o qual se prestava primorosamente para tingir. Tratava-se de uma das espécies vegetais

que cobriam as rochas vulcânicas: *Roccella* e *Parmelia*, as quais nas seguintes espécies são utilizadas como tintas para tecidos: *Roccella canariensis*, *r. tinctoria*, *r. fuciformis* e *Parmelia coralloides* (= perlata). Na sequência da exploração e comercialização da urzela, ela foi a única planta indígena de Cabo Verde realmente utilizada. A urzela, que se encontra com frequência na zona de elevações da ilha, nomeadamente na Serra do Norte e nos montes-testemunhos, era colhida pelas populações, o que constituía um grande esforço e um trabalho manual perigoso; era a seguir vendida aos comerciantes, trabalhada e exportada. «A urzella é apanhada à mão nas rochas acessíveis, e a outra por meio de cordas ou escadas, que se empregam para se alcançar os lugares onde não se pode ir a pé.» (F. T. Valdez, 1864, pág. 174). Para a extração da tinta os líquenes eram reduzidos a um pó ao qual se juntavam amoníaco (urina) para fazer uma pasta. A esta pasta juntava-se ainda um carbonato alcalino, dando origem a uma solução colorida de um bonito azul-avermelhado, violeta. (A. Chevalier, 1935, págs. 861/862; T. B. Duncan, 1972, págs. 160, 191; J. Matz-netter, 1960, págs. 14, 17; W. Imber/K. Gygax, 1971, pág. 152).

O comércio da urzela era, tal como o comércio de escravos, do gado e do algodão, monopólio do Rei português, o qual não tinha, sob o pretexto de escassez de dinheiro e outras razões, qualquer interesse no desenvolvimento do Arquipélago por meio de investimentos. Ele vendia assim, concessões a comerciantes, os quais adquiriam deste modo o direito de comercializar uma determinada mercadoria. O contrato era concluído por um determinado período de tempo e deveria ser pago anualmente ao rei. Em 1520, por exemplo, deveriam ser pagos anualmente 55\$550 reis pela concessão da urzela. Durante os 420 anos (1479-1916) em que era exportada urzela das ilhas de Cabo Verde, podem-se diferenciar 3 fases desse comércio:

1. O sistema de acordo de concessões pelo rei de 1496/1785, 1819/1841, 1847/1849.
2. O sistema de administração directa pela Coroa através da Câmara do Tesouro de 1790/1818, 1842/1846.
3. O sistema de comércio livre de 1850/1916. (A. Carreira, 1982*, págs. 7-8; T. B. Duncan, 1972, pág. 91).

Antes da verdadeira colonização da Boa Vista a urzela não era quase exportada das ilhas⁶⁶, além disso este comércio foi ainda durante todo o século XVII, de pouca importância; gado e sal eram na altura os produtos escolhidos para a exportação.

Com o grande aumento da população e sobretudo com o desenvolvimento da indústria têxtil inglesa começou a aumentar consideravelmente no



Gravura 33: A urzela, líquene colorante, foi no século XVIII, juntamente com o sal e os produtos pesqueiros, o mais importante produto de exportação da Boa Vista. A planta cresce nas elevações da ilha e é relativamente frequente. Fotografia conseguida no Passo Conde, entre Rabal e João Galego. Fotografia: Março de 1986.

século XVIII a exploração da urzela. A firma inglesa «Philip Balesty & Company» teve uma concessão do comércio da urzela durante 6 anos, de 1745 a 1751, de todas as ilhas de Cabo Verde e além disso também dos Açores e da Madeira, pela qual pagou ao Rei português uma quantia de 6000 £ (T. B. Duncan, 1972, pág. 191).

Os valores de exportação da urzela representados na tabela 19 mostram claramente, que as ilhas de Barlavento exportam quantidades desta planta muito superiores às de Sotavento. Neste contexto a Boa Vista não tem um papel insignificante; ao contrário, paralelamente ao sal e ao gado, a urzela era então o produto de exportação por excelência.

TABELA 19: VALORES DE EXPORTAÇÃO DA URZELA DA BOA VISTA, ISTO É, DE CABO VERDE

Período	Boa Vista	Total-Barlavento	Total-Sotavento
1790-99	75 012 kg	301 283 kg	142 968 kg
1800-18	131 853 kg	911 212 kg	279 552 kg
1819-26	806 232 kg	—	—

Fonte: A. Carreira, 1982**, págs. 59, 101